

Preços marcados a giz...

ESTADO DE SÃO PAULO

10 MAI 1989

Clay. Brasil

Não terá escapado aos que leram nossa edição de ontem o retrato da Argentina traçado pelo jornalista Flávio Tavares. Trata-se de fiel análise da desoladora situação em que se encontra um país que não conseguiu conter a inflação após numerosas tentativas — aliás, orientadas por um presidente livremente eleito — e que hoje está a um passo de novas eleições presidenciais (14 de maio). Não se pode ficar indiferente diante desse quadro, ainda que, no domingo passado, nesta folha, o banqueiro Roberto Teixeira da Costa tenha lembrado que o Brasil não é a Argentina. E todavia dos mais oportunos o alerta que nos vem da nação irmã.

Quando, num só dia, a cotação do dólar em austrais cresce em 22% (um austral, desde fevereiro, sofreu desvalorização de 525%), é claro que se está diante de uma conjuntura perigosa. O Brasil ainda não chegou a essas taxas, devendo-se porém reconhecer que para elas caminhamos num processo de aceleração rápida. Se, até agora, conseguia-se aqui amenizar a escalada, tal se devia a sistema bem

amaciado de indexação que, infelizmente, o governo debilitou ao suspendê-lo por alguns meses. De 3 de fevereiro a 3 de maio a inflação argentina acusou um crescimento de 123% (média mensal de 49,5%). O Brasil ainda não chegou a tanto, mas facilmente o fará, desde que não estabeleça, a tempo, um correto controle monetário. Ora, cabe lembrar que, em dois meses, a base monetária, na Argentina, registrou crescimento de 45%, do qual, na verdade, nos aproximamos: em fevereiro e março, tal base acusou aqui um aumento acumulado de 40,2%.

Realmente, no Brasil, o congelamento de preços ainda funciona razoavelmente, pelo que não temos assistido, conforme ocorre na Argentina, a remarcações a cada hora, com preços lançados a giz para facilitá-las. Há, porém um pormenor importante: por motivos políticos, a CGT argentina, interessada em favorecer o candidato peronista, renunciou nestes últimos dias às greves. Não é o caso do Brasil, em que as eleições ainda estão muito longe para que a CUT fortaleça seu candidato com a disciplina sindical. Nada-

mos virtualmente em movimentos grevistas que se tornam violentos, com aberto desrespeito à legislação existente, em provocação ao Poder Executivo.

Cumpramos estabelecer tal paralelismo entre os dois países para que possamos, enquanto ainda é tempo, adotar medidas que nos afastem dos atuais caminhos da Argentina, cuja situação — seja este ou aquele o vencedor — somente tenderá a se agravar depois das eleições.

Sabemos o que fazer para evitar a falência do País. Mas é triste, aliás, que o paladino da *perestroika*, o economista Abel Aganbegian, esteja nos apontando um caminho que nos recusamos a trilhar: o governo de Moscou demitiu 400 mil funcionários dos 2,2 milhões existentes. Já no Brasil o objetivo era bem mais modesto: 60 mil demissões, que agora deverão reduzir-se irrisoriamente a três mil...

É preciso reduzir o déficit, mesmo quando parecem esgotadas as possibilidades de cortes, mas, ao mesmo tempo, torna-se necessário reajustar tarifas pú-

blicas desatualizadas para financiar investimentos, de cujo adiamento resultarão certamente fatores suplementares de inflação e recessão. É vital que os assalariados concordem em moderar suas reivindicações, para que não se alimente uma espiral inflacionista que os empobrecerá ainda mais. Requer-se, também, que os empresários reduzam suas margens de lucros e ampliem seus investimentos com recursos próprios. Cabe paralelamente ao Congresso assumir suas responsabilidades, a começar pela regulamentação do direito de greve, a fim de evitar que o governo seja forçado a suprir parte de uma tarefa eminentemente legislativa. Incumbe ao Planalto dar exemplo de austeridade, e manter à altura negociações com organismos internacionais e outros governos à procura de uma solução que possa aliviar, não no quadro de um confronto, mas de uma discussão franca, as tensões com nossos interlocutores na luta contra a miséria.

Se nada disso ocorrer, bem poderá o Brasil oferecer rentáveis oportunidades aos fabricantes de giz...